

## LIÇÕES DE PESQUISA EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: QUANDO O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO É PAULO FREIRE

*Leoni Maria Padilha Henning*<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-8004-2371>

*Renata Miranda de Araújo*<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-5178-2151>

*Elaine de Souza Ferreira*<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-0029-4697>

*Gustavo Kosieniczuk Gomes*<sup>4</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-2342-2893>

*Camila Cristina Ludovico de Souza*<sup>5</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-8322-5103>

**Resumo:** Tematizando o trabalho de pesquisa em filosofia da educação, focamos na figura de Paulo Freire enredando-o na rica problemática de seu personagem, tentando capturar o que dele podemos indicar como traços emblemáticos, retirando do estudo lições para o campo da referida pesquisa. A complexidade que o constitui gera as interrogações aqui apresentadas sobre sua pessoa, ao mesmo tempo em que causa a instigante procura por entendê-lo. Daí o interesse em investigar os traços de seu pensamento como filósofo da educação, constituindo assim o objeto central de nosso trabalho. Para a realização dessa pesquisa, selecionamos parte dos conceitos freirianos enquanto ferramentas para o entendimento da realidade brasileira e que expressam a consistência e relevância da problemática educacional apresentada pelo autor: conscientização, solidariedade, inexperiência democrática brasileira e a liberdade como princípio educativo. A filosofia da educação freiriana oferece instrumentos para identificação das múltiplas formas de silenciamento presentes na estrutura opressora incluindo escolas - o que pode ser de outro modo. Aprendemos que a educação deve se nortear por princípios constitutivos de uma teoria filosófico-pedagógica como criticidade, liberdade, democracia, autenticidade e autonomia, etc. A responsabilidade,

---

<sup>1</sup> Formada em Filosofia (UFPR, 1974). Master of Education (MSU, 1976), Master of Science (ISU, 1991), Doutorado em Educação (UNESP, 2003). E-mail: [leoni.henning@yahoo.com.br](mailto:leoni.henning@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (2011). Mestre em educação pela Universidade estadual de Londrina (2015). Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (2023). E-mail: [mmiranre@gmail.com](mailto:mmiranre@gmail.com)

<sup>3</sup> Possui graduação em Letras/ Inglês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jandaia do Sul (2005). Mestranda no curso do Programa de Pós- graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: [profelaine2016@gmail.com](mailto:profelaine2016@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestre em Filosofia da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (2023). Graduado Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: [gustavo.kosieniczuk@uel.br](mailto:gustavo.kosieniczuk@uel.br)

<sup>5</sup> Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação UEL. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (2014). E-mail: [camilaludovico2010@hotmail.com](mailto:camilaludovico2010@hotmail.com)

corolário à busca pela libertação, desafia o professor para a permanente atuação de igual natureza. Focando pesquisas em Freire, retiramos dessas atividades de investigação algumas lições: necessidade de se conhecer muito bem o autor central do estudo e seus traços distintivos; importância do estabelecimento de princípios a partir dos quais a educação deve ser norteadas; necessidade de um contínuo acompanhamento reflexivo das ações pedagógicas; valorização da escola para a transformação da sociedade em vista da democracia; dentre outros.

**Palavras-chave:** Pesquisa; Filosofia da educação; Paulo Freire.



### **LESSONS FROM RESEARCH IN PHILOSOPHY OF EDUCATION: WHEN THE OBJECT OF INVESTIGATION IS PAULO FREIRE**

**Abstract:** Thematizing the research work in philosophy of education, we focus on the figure of Paulo Freire, entangling him in the rich problematics of his character, trying to capture what we can indicate as emblematic traits of him, drawing lessons from the study for the field of said research. The complexity that constitutes him generates the questions presented here about his person, at the same time that it causes the instigating search to understand him. Hence the interest in investigating the traits of his thought as a philosopher of education, thus constituting the central object of our work. To carry out this research, we selected part of the Freirian concepts as tools for understanding the Brazilian reality and which express the consistency and relevance of the educational problem presented by the author: awareness, solidarity, Brazilian democratic inexperience and freedom as an educational principle. Freire's philosophy of education offers instruments for identifying the multiple forms of silencing present in the oppressive structure, including schools - which may be otherwise. We learned that education must be guided by principles constitutive of a philosophical-pedagogical theory such as criticality, freedom, democracy, authenticity and autonomy, etc. Responsibility, a corollary to the search for liberation, challenges the teacher to permanent action of the same nature. Focusing on research on Freire, we learned some lessons from these research activities: need to know very well the central author of the study and his distinctive traits; importance of establishing principles from which education should be guided; need for continuous reflective monitoring of pedagogical actions; valuing the school for the transformation of society in view of democracy; among others.

**Keywords:** Research; Philosophy of education; Paulo Freire.

### **LECCIONES DE LA INVESTIGACIÓN EN FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN: CUANDO EL OBJETO DE INVESTIGACIÓN ES PAULO FREIRE**

**Resumen:** Tematizando el trabajo de investigación en filosofía de la educación, nos centramos en la figura de Paulo Freire, enredándolo en la rica problemática de su personaje, intentando captar lo que podemos señalar como rasgos emblemáticos de él, extrayendo lecciones del estudio para el campo de la dicha investigación. La complejidad que lo constituye genera los interrogantes aquí presentados sobre su persona, al mismo tiempo que provoca la búsqueda instigadora de comprenderlo. De ahí el interés por investigar los rasgos de su pensamiento como filósofo de la educación, constituyendo así el objeto central de nuestro trabajo. Para realizar esta investigación, seleccionamos parte de los conceptos freireanos como herramientas para

comprender la realidad brasileña y que expresan la consistencia y relevancia del problema educativo presentado por el autor: conciencia, solidaridad, inexperiencia democrática brasileña y libertad como principio educativo. La filosofía de la educación de Freire ofrece instrumentos para identificar las múltiples formas de silenciamiento presentes en la estructura opresiva, incluidas las escuelas, que pueden ser de otra manera. Aprendimos que la educación debe guiarse por principios constitutivos de una teoría filosófico-pedagógica como son la criticidad, la libertad, la democracia, la autenticidad y la autonomía, etc. La responsabilidad, corolario de la búsqueda de la liberación, desafía al docente a una acción permanente de la misma naturaleza. Centrándonos en la investigación sobre Freire, aprendimos algunas lecciones de estas actividades de investigación: necesidad de conocer muy bien al autor central del estudio y sus rasgos distintivos; importancia de establecer principios desde los cuales se debe guiar la educación; necesidad de un seguimiento reflexivo continuo de las acciones pedagógicas; valorar la escuela para la transformación de la sociedad en vista de la democracia; entre otros.

**Palabras clave:** Investigación; Filosofía de la educación; Paulo Freire.

## **Introdução**

O texto aqui apresentado intitulado *Lições de pesquisa em filosofia da educação: quando o objeto de investigação é Paulo Freire* introduz o tema do presente dossiê, pesquisa em filosofia da educação, procurando retirar da discussão alguns ensinamentos no que diz respeito a cuidados, sugestões e procedimentos no desenvolvimento da pesquisa no campo, exemplificados na figura do grande educador e pensador brasileiro, Paulo Freire. Nesse sentido, cada autor situado no centro de um trabalho dessa natureza apresenta, pois, seu perfil, especificidades teóricas, estilo próprio, dentre outros traços que deverão ser tomados com o rigor que a atividade de pesquisa requer.

Assim, quando as ações são planejadas para a realização de uma pesquisa em filosofia da educação no Brasil, as diligências, em princípio, se revestem de esforços para uma empreitada carregada de importantes questionamentos tal como se segue nesta exposição. Em meio aos múltiplos olhares que podem abordar o problema da educação, em se tratando de um tema gestado no campo filosófico-pedagógico a filosofia é especialmente requerida, o que leva a nos defrontarmos com perguntas incômodas relativas à credibilidade filosófica de um determinado pensador, central ao estudo, indagando se este seria mesmo um filósofo, no rigor do termo. Haveria verdadeiramente filósofos no Brasil ou, poderíamos afirmar o cultivo propriamente dito da filosofia no país a ponto de encontrarmos pensamentos genuínos merecedores da proeminência intelectual dos grandes mestres mesmo não havendo por parte de alguns as credenciais para tal? Quais seriam essas para a assunção respeitável dessa função? Os profissionais de outras formações, mas que se dedicaram intensamente aos problemas educacionais

ou à formação das gentes brasileiras por uma perspectiva filosófica, poderiam ser designados “filósofos”? É conhecida a dualidade entre o que se denominava “filosofia pura” *versus* “filosofia aplicada” ou “filosofia prática” que provocava quase uma disputa de validade quanto à rigorosidade do pensamento livre em referência à “incômoda” realidade, própria da primeira versão. No caso de Freire, o autor não abre mão das suas vivências reais e permanentemente provocativas à reflexão em sua inteira existência e que constituem, de fato, o seu “eu”. Na sua opinião, esse é um princípio para a produção de conhecimento. Nesse sentido, a filosofia da educação teria de ser concebida como um campo relativo às atividades desenvolvidas no ou a partir do “chão da escola”, muito próxima às experiências concretas, o que, para alguns, limitativas ao cultivo da elaboração puramente intelectual. Essa problemática parece ter sido fadada ao abandono dado ao convencimento de muitos de que a própria filosofia se configura como uma disciplina importantíssima na leitura de mundo e na elaboração de projetos para a sua transformação. No entanto, a discussão deste tema foge aos objetivos do presente texto. Nessa linha de preocupações não nos faltariam exemplos, bem como não estancaríamos facilmente o rol de perguntas derivadas muitas vezes de preconceitos, outras vezes de desconhecimento, ou ainda, de um rigor excessivo, até mesmo ultrapassado, dentre outras questões.

Um exemplo do imbróglio teórico que esse processo de pensamento pode gerar, relaciona-se ao nosso Patrono da Educação Brasileira, Paulo Régis Neves Freire (1921- 1997), título a ele conferido pelo Governo Federal pela Lei nº 12.612/2012, mas que, para alguns, o documento legal deveria ser destituído da honraria pelos motivos os mais diversos, estranhos e até mesmo despropositados. Todavia, é inegável o sucesso deste brasileiro não só no Brasil, mas que é observado pelo mundo, como um intelectual de destacada presença pela sua projeção intelectual, visão profundamente humanista e ações pedagógicas efetivas.

A perspicácia elevada do autor deslinda o panorama da sociedade humana na dinâmica das suas relações e construções simbólicas que, ironicamente, não favorecem aos seus integrantes, em linha direta, a compreensão imediata e clara da sua cultura frente aos mecanismos de manipulação, alienação, coisificação, etc. - elementos que ajudam a mapearmos o fenômeno da desumanização e o seu correlato, a dominação, que alcançam patamares de incrível força e poder entre todos. E o que é ainda mais assustador, mostra Freire, ter sido tomada a educação como parceira desse processo

totalmente avessa à necessária busca sistemática e permanente da realização ontológica humana operada em sua existência inacabada.

Diante da problemática, observamos que iniciativas para uma pesquisa voltada a uma figura revestida de distintos qualificativos, elogios e críticas, versos e reversos, impõem-nos alguns cuidados como garantia para chegarmos ao termo do trabalho trazendo à luz alguma descoberta que nos revele quiçá, algumas trilhas teóricas, evidências para o abrandamento dos nossos principais dilemas.

Embora encontremos na biografia do autor os designativos de um importante educador e filósofo brasileiro do século XX, há aqueles que não atestam seu reconhecimento como filósofo, uma vez que teria o autor se ocupado essencialmente das questões educacionais, carecendo de tratar de modo aprofundado de outros problemas que são viscerais à esfera da filosofia como: a ontologia, a epistemologia, a estética, a ética, dentre outros. Se considerarmos, mesmo assim, que o tenha feito, dizem alguns dos seus críticos, as elaborações resultaram na superficialidade do seu tratamento. Acreditamos que tal posicionamento possa, talvez, ser explicado pelo fato de Paulo Freire ter surgido no cenário intelectual num panorama crítico da nossa educação que se encontrava frente a um *déficit* estonteante de analfabetismo entre adultos, especialmente, aqueles que viviam em sua região onde ele, um recém formado jovem advogado, se atraía pelas questões do ensino da língua portuguesa, dedicando-se assim aos problemas que acercam o fenômeno, ao qual mais tarde designa como “roubo da palavra”. O cenário educacional que cercava o educador foi gradativamente tecido por suas efetivas iniciativas esperançosas no combate ao problema, num esforço de compreender a situação de homens e mulheres brasileiros e que efetivamente resultasse na superação do estado de desumanização em que se encontravam (Henning, 2021). Assim, o educador com sua visão crítica da realidade nacional, inventa um método para alfabetizar adultos em poucos meses, o que resultou num sucesso absoluto de realização dos objetivos.

Essa imagem de Freire com seu método de alfabetização espalhou-se como sendo sua própria identidade. No entanto, os estudiosos logo percebem a ampla visão filosófico-formativa do autor sobre os homens e mulheres vivendo num ambiente político-social de exploração, manipulação e desumanização, situação que deve ser superada pela perspectiva transformadora – tema que o impulsiona a confeccionar uma pujante filosofia da educação e uma efetiva pedagogia para ser operacionalizada nos

espaços educativos com a população carente dos recursos básicos para a compreensão da realidade em que vivem marginalizados. Essa compreensão antropológica se alastra para os recantos em que a dominação explícita e implícita se abunda e inferioriza o humano.

Antes de operar efetivamente na direção pedagógica e executar as diligências que se lançam ao seu caminho, Freire se depara com a instabilidade provocada por ações adversas originadas no campo político que se instalam no Brasil, forçando-o a deixar a sua terra natal e a continuar sua lida humanista em outros países da América do Sul e de outros continentes.

Pautados no conjunto de sua obra, observamos que Freire ampliou sua compreensão educacional pela elaboração antropológica através da qual defende a libertação dos homens e mulheres dos grilhões que historicamente foram construídos (e que, portanto, podem ser transformados) e que os prendem subjetivamente e objetivamente à realidade, suprimindo qualquer possibilidade de autonomia e de exercício do seu inacabamento impulsionado pelo ser mais, fonte de sua vocação para a humanização. Tal particularidade é que pode impulsionar o crescimento de todos para o ser mais, entendendo-se por isso uma natureza própria ao ser humano, mas que é revitalizada ou não, pois, construída social e historicamente.

Freire segue enriquecendo sua visão educacional humanista trazendo sua epistemologia observada inicialmente na falsa dicotomia de homens-mundo. Um dos desdobramentos dessa premissa é evitar o subjetivismo de um lado, ou conceber o objetivismo apartado do sujeito, de outro. Ainda, busca-se assim eliminar o entendimento de serem os homens e as mulheres simples expectadores do mundo situado “fora” deles e que, portanto, devem se postar silentes e passivos diante dos professores narradores, comportando-se como meros portadores de uma consciência-depósito e não devendo ser compreendidos como corpos conscientes. Nesse sentido, o diálogo seria o modo apropriado para se fazer valer esses pressupostos, pois o pensar somente faz sentido quando se origina na ação sobre o mundo que mediatiza as consciências em intercomunicação. Problematizar a realidade se contrapõe à mera transmissão de conhecimentos e valores, mas, contrariamente ao que se pode supor, se trata de um ato efetivamente cognoscente. Desse modo, é o mesmo objeto cognoscível – o mundo – que se encontra no ponto focal dos sujeitos cognoscentes em diálogo, para a produção do conhecimento. Essa é a situação gnosiológica que se contrapõe a perspectivas autoritárias e impositivas de saber na comunicação de professores

narradores. Jamais o ato educativo deve oprimir a curiosidade epistemológica dos envolvidos no ensinar e no aprender sob pena de bloquear sua atividade, própria do movimento do inacabamento, e sua inserção consciente e crítica na realidade.

Quanto ao rol de valores apresentados por Freire para a formação humana e profissional dos docentes, destacamos a admoestação que ele faz sobre a mentira e os seus prejuízos, especialmente, quando não se deu o devido valor ao preparo científico. Para ele, deve haver coincidência da formação científica e a retidão ética; deve haver atenção quanto aos perigos da malvadez da ética do mercado, como também, do moralismo hipócrita, dentre outros problemas produzidos pela carência do entendimento de que somos seres éticos. Freire refere-se à ética universal do ser humano, uma vez que entende ser a ética indispensável à convivência. Ademais, o autor reivindica a indissolubilidade da ética e estética, entendendo a boniteza enquanto ato de ensinar e aprender de modo ético. Querer bem uns aos outros no processo de ensinar e aprender para a compreensão do ato político necessária à realização de nossa busca pela democracia na escola e fora dela – eis algumas outras lições que a pesquisa pode oferecer, quando o objeto é Paulo Freire.

O presente artigo foi construído em diálogo com pesquisadores que constituem, junto aos demais, o Grupo de Pesquisa: “Pesquisa em Filosofia da Educação: tradições e tendências”, que tomaram Paulo Freire como objeto de suas investigações e perceberam alguns traços peculiares do autor necessários ao entendimento de seu pensamento.

Em primeiro lugar, destacamos a erudição de Freire, cujas fontes teóricas especialmente usadas para o usufruto das ideias contidas numa vasta variedade de obras escritas em diversas línguas e de raízes filosóficas variadas, é admirável. Freire, entretanto, não se comporta como um escritor de feitura acadêmica tradicional regado por normas conhecidas e defendidas pelos intelectuais convencionais. Encontramos obras que nos revelam algumas dificuldades no tocante às inspirações ali presentes, talvez pelo simples fato de o autor ter tido uma vida tramada por contatos os mais diversos num turbilhão de acontecimentos surpreendentes e as mais incríveis experiências numa gama de atmosferas culturais as mais variadas. Sua sensibilidade e acuidade social o tornavam atento ao que, para ele, se tornava sempre um aprendizado. Suas experiências, talvez melhor dito, suas vivências, desde o seu “primeiro mundo”, fundaram em sua subjetividade marcas indeléveis e profundamente pedagógicas para suas reflexões e *práxis* maduras.

É bem conhecido o estilo eclético da escrita de Freire:

À sua vasta tradição de trabalhos práticos ele confrontava as mais diversas teorias e autores, entrelaçando-os de um modo que se casassem com sua experiência, mas gerando controvérsias. Entretanto, ele nunca negou ser um eclético que seleciona partes das premissas de, por exemplo, Karl Jaspers e do velho Marx (Gerhardt, 1996, p. 154).

Esse ecletismo confesso de Freire, segundo Gerhardt, trouxe-lhe algumas dificuldades no âmbito da cultura dominante das universidades gerando em seu espírito um certo antiacademicismo. Seus rodeios intelectuais transitam pelos detalhes conceituais de expressivo rigor imiscuídos por uma forma frequentemente poética de expressão. Trata-se de uma leitura que exige muita atenção, uma vez que uma ideia aparentemente já apresentada, ressurgem com acréscimos e conexões surpreendentes que nos exigem o retorno à mesma leitura anteriormente feita, num processo que se repete variadas vezes.

A exposição literária teórica e experiencial de Freire é apresentada em narrativas diversas desde os conteúdos conceituais mais minuciosos até a inclusão de histórias que recupera de sua memória, testemunho de fatos vivenciados, diálogos ilustrativos, principalmente realizados com trabalhadores e alfabetizados que são inseridos em seus livros, entrevistas e cartas como podemos citar um conjunto destas que foram organizadas por Ana Maria Araújo Freire intitulado *Cartas a Cristina – reflexões sobre minha vida e minha práxis* (Freire, 2003a) como resultante da curiosidade de sua sobrinha em conhecer melhor o famoso personagem familiar.

Apesar de os conceitos nucleares da obra de Freire nos trazerem inquietação diante do diagnóstico que elabora sobre a nossa sociedade que, desde a colonização, foi guiada por princípios desumanizadores, antidemocráticos e opressivos, o autor ainda nos incita à ação, à investigação, à transformação sempre exigente de ética, de planos organizados e de amor ao próximo. Encontramos, pois, em sua obra um anúncio de utopia, esperança e motivação para continuarmos amando o mundo e tudo o que há nele, sem titubeios, passividade ou qualquer forma de indiferença.

Depois de termos apresentado a problemática em torno da rica figura de Paulo Freire resultando numa breve exposição introdutória de algumas emblemáticas considerações a seu respeito, na sequência vamos expor alguns conceitos, a nosso ver, basilares para a apreensão do pensamento freiriano extraídos do trabalho de pesquisa dos autores deste artigo relacionados nas referências.

## **1. Conceitos freirianos enquanto ferramentas para o nosso entendimento da realidade brasileira**

Ao encontrar-se efetivamente com a realidade educativa do seu país, Paulo Freire se colocou em uma posição de ação, como quem se reconhece como responsável pela história que vive e escreve. Sua teoria é recheada de histórias efetivamente vivenciadas e sobre as quais retira lições para si e para aqueles que se interessam pelo seu pensamento. Freire escreve muito sobre a vida, agregando esses elementos às suas reflexões teóricas, recusando-se a ser identificado como um puro racionalista.

Gostaria desde já de manifestar minha recusa a certo tipo de crítica cientificista que insinua faltar rigor no modo como discuto os problemas e na linguagem demasiado afetiva que uso. A paixão com que conheço, falo ou escrevo não diminuem o compromisso com que denuncio ou anuncio. Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também (Freire, 2010, p. 18).

Assim o autor parte rememorando o seu “primeiro mundo”, com seu quintal da infância e as figuras que constituíram os seus *não-eus* geográficos e pessoais, diante dos quais confessa ter-se constituído como “Eu fazedor de coisas, eu pensante, eu falante” (Freire, 2010, p. 25).

Com tal visão, tendo como exemplo Angicos no Rio Grande do Norte, sua proposta educativa empreendida criticava a educação tradicional propondo sua transformação, baseando-se em princípios de valorização dos conhecimentos trazidos pelos educandos e no diálogo como forma de relação entre as pessoas. Tal acepção de diálogo decorre originalmente da sua própria experiência em família (Freire, 1979) e se funda na sua aguda percepção da necessidade de transformar a sociedade, isso desde muito jovem em contatos iniciais com a esfera social com a qual viria a trabalhar por toda a vida. Em suas primeiras experiências, seja em atuações junto a igreja ou em trabalhos de cunho social, o autor se incomodou com o distanciamento entre o discurso das instituições tradicionais e a realidade da vida das pessoas na persistente condição de miserabilidade enfrentada por muitas delas diariamente.

Diante deste cenário, observamos que Freire defendia uma proposta político-filosófica e metodológica, estabelecendo as íntimas conexões da teoria e prática, possibilitando o necessário protagonismo dos educandos, contemplando uma sequência

de ações como: o diálogo, a contextualização, a captação dos temas e palavras geradoras para o trabalho de conscientização e transformação da realidade. Além disso, propôs o aprendizado cooperativo como modo de vida educativo, a reflexão crítica sobre o mundo e a prática dialógica como prática social.

Paulo Freire (1979) acreditava que a alfabetização não era apenas um ato de decodificação de palavras, mas um meio de desenvolver a consciência crítica sobre quem somos no mundo. Os educandos são encorajados a questionar o mundo ao seu redor, refletir sobre as estruturas de poder e buscar a transformação social. Aqui reside também a ideia filosófica de Freire que envolve alguns fatores importantes, tais como a importância do protagonismo das pessoas na esfera coletiva e a identificação de que a própria existência é a base dos conhecimentos que cada um possui. Daí a importância da contextualização acima mencionada.

É necessário considerarmos a conscientização e a solidariedade autêntica como tópicos fundamentais para a experiência democrática no combate à manipulação e ao seu par imediato, a acriticidade. O desenvolvimento dessas habilidades se traduz na liberdade de ser no mundo e se tornar responsável pelos rumos dele, a começar pelo próprio ser, afinal “[...] o ser é simplesmente a condição de todo desvelar: é ser-para-desvelar, e não ser desvelado” (Sartre, 2013, p.19-20).

### **1.1 A problemática que envolve o tema: a conscientização**

Ser mais é tomar consciência de si como sujeito histórico, livre e, sendo inacabado, nos sugere a sua continuidade processual na existência humana. Ao longo da obra de Paulo Freire há, neste sentido, uma proposta que exige humildade e comprometimento. Humildade para sermos, como foi Paulo Freire, abertos a mudanças significativas e à dinamicidade que a vida impõe a toda tentativa de compreendê-la de forma sistemática. Partindo dessa postura é que o autor apresenta a sua ideia de conscientização como um processo contínuo e inacabável de desvelamento da realidade, processo este intencional, coletivo, comprometido e transformador.

Para compreender um conceito de tamanha relevância dentro do pensamento deste autor, devemos buscar as bases de sua própria visão de mundo e consciência da realidade. Freire inicia seu trabalho com educação em uma perspectiva social junto à Igreja Católica, em movimentos de alfabetização e promoção de cultura. Também sabemos que uma das suas primeiras atuações mais contundentes no Brasil, a grande escala, estava alinhada ao trabalho político do ISEB (Gomes, 2023), Instituto Superior

de Estudos Brasileiros criado em 1955, destinado ao estudo, ensino e divulgação das ciências sociais em vista da elaboração analítica, compreensiva e crítica da realidade brasileira para o fomento do desenvolvimento nacional. O órgão reunia intelectuais como Hélio Jaguaribe, Guerreiro Ramos, Cândido Mendes de Almeida, Álvaro Vieira Pinto e Nelson Werneck Sodré, dos quais alguns muito admirados por Freire.

Tomamos como marco interpretativo para este conceito a obra que apresenta como título, *Conscientiza o* (Freire, 1979). Neste texto, o autor diz que conheceu a palavra que confere o referido título nas produ es do ISEB, em especial as de  lvvaro Vieira Pinto e do professor Guerreiro Ramos. Além desta informa o, ele afirma que utiliza pela primeira vez o termo em sua primeira publica o em 1959, *Educa o e Atualidade Brasileira* (Freire, 2003b). Neste ensejo, o autor pretendia discutir sobre a transi o entre os distintos níveis de consciência, ingênuo, intransitiva, transitiva e crítica, abordando sobre conscientiza o já de uma forma fluida, ciente de que existe uma sólida e s ria discussão sobre o conceito. Para apoiar seu discurso, o autor cita obras de Pinto (*Consciência e Realidade Nacional*, 1960) e de Ramos (*A Redu o Sociológica: introdu o ao estudo da razão sociológica*, 1958). Neste último,   pontuada uma diferença significativa. Freire acredita que a conscientiza o   um processo que se dará necessariamente por vias educativas e com uma clara intencionalidade (Freire, 2003b), diferentemente de Ramos que, na obra mencionada de 1958, defende a passagem da consciência ingênuo para a crítica como resultado direto da supera o da vida vegetativa, defendida pela ideologia desenvolvimentista.

Entendida a influência do pensamento iseiano nas reflexões de Paulo Freire,  , também, essencial observarmos a influência do catolicismo em sua visão de mundo e produ o teórica. Na obra *Conscientiza o* (Freire, 1979), Freire, que sempre conta com detalhes sua própria história, valoriza a influência que recebeu de Amoroso Lima, pensador católico que também discutia muito sobre a realidade brasileira naquele contexto.

Outro conceito importante, trazido   luz por Freire,   a autenticidade, pois ajuda a compreendermos o processo de conscientiza o. Inicialmente, conforme o pensamento de Lima (1956), Paulo Freire aprendeu a percebê-la no resultado dos processos das potencialidades humanas exercidos com plenitude, em seus aspectos de indivíduo, de pessoa e pela prática espiritual. Logo, em Pinto (1960),   possível ver a ideia de consciência autêntica lançando as bases para a teoriza o da consciência crítica. A

autenticidade se encontrava na superação do pensamento colonial e ingênuo. Em Freire, a ideia de autenticidade “[...] não se coloca apenas como um preceito anticolonialista ou ideal de liberdade, mas também de desenvolvimento humano em uma perspectiva integral, comprometida com a sociedade”<sup>6</sup> (Gomes, 2023).

Na obra final de Freire (1997) em vida, podemos perceber a conscientização como o processo contínuo pelo qual as pessoas passam a se inserir na realidade e exercer um trabalho (ação cultural) significativo para a superação das estruturas de dominação e desigualdades. Reconhecer a estrutura dominante requer compromisso e união das pessoas oprimidas, pois estas carregam em si possibilidade de transformação e superação dos processos de desumanização. Tomemos a problemática que envolve a solidariedade, já que se refere à capacidade de homens e mulheres perceberem a necessidade que uns e outros, todos, têm de se humanizar ao buscarem ser livres, ao lutarem para exercer a humanidade que lhes é cara.

## **1.2 A problemática que envolve o tema: a *falsa e a autêntica solidariedade***

Não é possível falar de conscientização e, agora, de solidariedade ou qualquer outro aspecto da humanização em Freire, sem considerar o diálogo que, para ele, é um princípio democrático. Tomaremos a dialogicidade como ponto de partida, entendendo que há entre esta e a solidariedade freiriana uma interdependência que além do mais também abrange a dimensão histórica, à medida que situa o homem naquela posição de participante ativo e responsável por sua ação no mundo:

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes ‘admiram’ um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se. Vimos que, assim, a consciência se existencia e busca perfazer-se. O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização (Freire, 2011, p. 22).

Essa característica de historicização é que torna o diálogo ponto importante em nossa busca de uma experiência de solidariedade. É por meio do diálogo que o homem se faz homem, se torna sujeito da ação, responsável por suas decisões. No diálogo reside, entre outras coisas, a chave para a solidariedade, que não pode ocorrer de cima para baixo, mas do *eu* com o *outro* em comunhão, ação horizontalizada, com o intuito

---

<sup>6</sup>Em *Educação e Atualidade Brasileira* (Freire 2003b, p. 29), Paulo Freire classifica como significativamente espiritual o envolvimento dos sujeitos por questões que vão além de sua esfera individual e da vida vegetativa. Esta declaração confirma a influência recebida de Amoroso Lima (1956).

primeiro da libertação. Libertação do oprimido diante do opressor, necessária a ambos, mas de responsabilidade maior dos primeiros.

Se aprofundarmos um pouco mais, veremos que o diálogo pressupõe duas partes, no mínimo, em consonância com a realidade. Assim como a solidariedade pressupõe o *eu* e o *outro*, dialogar pressupõe dizer a alguém, ou com alguém, em busca de um bem maior, neste caso, a libertação da opressão. “Quando descobrem em si o anseio por libertar-se, percebem que este anseio somente se faz concretude na concretude de outros anseios” (Freire, 2011, p. 47). Nesta descoberta está, talvez, a possibilidade de “dialogação” autêntica, porque parte da necessidade e urgência da mudança que se vê em *si* e no *outro*, se vê na realidade. Fazemos um adendo, aqui dialogicidade e solidariedade se confluem de forma que, uma se faz tão relevante quanto a outra, na busca da libertação. Em outras palavras, em Freire tornam-se, interdependentes. Embora o tema da dialogicidade tenha grande relevância na extensão da obra freiriana, ao nos debruçarmos sobre o tema da solidariedade nos deparamos com outras sendas não tão esmiuçadas, com as quais podemos refletir questões atuais, ou mesmo antigas, como a assistencialização, que veremos a seguir.

Continuando, diferentemente de uma descoberta equivocada de um *eu* superior que tem como dever ajudar ao *outro* inferior, em cujo padrão não haveria a dialogicidade, mas a assistencialização, que é, nada mais, nada menos que, falsa solidariedade, domesticação, marginalização, observamos que sem o diálogo e, por conseguinte solidariedade, o que resta ao oprimido é seguir a *prescrição* do opressor.

A assistencialização tem suas bases enraizadas desde o início de nossa colonização. Foi associada ao ajustamento acomodado e às próprias condições históricas onde foi esculpida como coluna estrutural de um sistema democrático jovem e frágil. “No assistencialismo não há responsabilidade. Não há decisão. Só há gestos que revelam passividade e ‘domesticação’ do homem. Gestos e atitudes” (Freire, 2003b, p. 16).

Na *Teoria da ação dialógica*, proposta por Freire é possível delinear as possibilidades da solidariedade autêntica, latente no diálogo verdadeiro. Na *colaboração*, que é a primeira das características descritas pelo autor em sua teoria, os sujeitos se unem para ler, interpretar, e agir no mundo, transformando-o,

O eu antidualógico, dominador, transforma o tu dominado, conquistado, num mero ‘isto’.

O eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o *tu* que o constitui. Sabe também que, constituído por um *tu* – um não eu -, esse *tu* que o constitui se constitui, por sua vez, como *eu*, ao ter no seu eu um *tu*. Desta forma, o *eu* e o *tu* passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois *tu* que se fazem dois eu (Freire, 2011, p. 227).

Desta forma, não há um eu inferior e um tu superior ou o contrário, ambos são iguais em sua busca do *ser mais* e em sua consciência de seres inacabados. Por isto, nesta perspectiva, poderíamos vislumbrar a solidariedade autêntica, pois que esta se faria entre dois iguais e não de cima para baixo, e mais, no intuito de se buscar um bem maior do que demandas imediatas. Esta solidariedade seria motivada pelo anseio da liberdade.

A solidariedade que se dá puramente para amenizar demandas imediatas, sobretudo aquelas que se detém ao plano do recurso material, não possui a potência de mudança, e desta forma, não rompe com os padrões pré-estabelecidos das relações de poder, e pior, corrobora para sua ampliação, ainda que objetive o contrário (Souza, 2022). A solidariedade que circula exclusivamente no âmbito dos recursos materiais não leva à mudança, mas conserva as condições já postas, essas desiguais e alienantes.

Tomemos a solidariedade que necessita de duas partes, ou seja, o “eu” e o “outro”, para que juntos possam dialogar em busca de um bem maior, a libertação da opressão. Para Freire, as condições históricas da sociedade brasileira, desde nossa colonização, acabavam por privilegiar o assistencialismo que não se responsabiliza e, menos ainda, decide, mas manipula de maneira a transformar o homem em quase “coisa”, passivo e domesticado.

O assistencialismo ao longo da história se acomoda em condições que acabam prejudicando o pleno desenvolvimento da democracia e, infelizmente, a sociedade brasileira acaba dessa maneira experimentando mais sobre a inexperiência democrática.

### **1.3 A problemática que envolve o tema: *sociedade brasileira e sua inexperiência democrática***

No momento em que o Brasil expressa sua vontade política por uma revisão dos seus processos democráticos e assumindo Paulo Freire como Patrono da Educação Nacional, fortalecemos também as ideias e sentimentos sobre educação de qualidade e que seja uma prática da liberdade alicerçada em uma democracia forte. Ao analisarmos o contexto histórico de desenvolvimento e industrialização da sociedade brasileira,

somos levados a reconhecer que a produção filosófica de Freire acaba por nos situar no tempo e nas condições sociais, econômicas e políticas diversas de nosso país.

O período inicial de formação das bases de importantes conceitos freirianos como “inexperiência democrática” e de “*práxis* educacional” ocorreu entre 1959 e 1963, sendo essas considerações o fio condutor parcial de um novo ciclo estruturante de reflexões de outros temas como conscientização, a pessoa como sujeito de sua história e educação como forma de intervenção para a construção de uma sociedade com valores democráticos.

A discussão sobre a problemática da “inexperiência democrática” não foi exclusiva de seu tempo, mas, infelizmente, se estende ao nosso, sobretudo em tempos de pós-verdade, polarização política, ameaças constantes a direitos constitucionais há tempos conquistados, descaso pela educação, intolerância, autoritarismo, fascismo, racismo institucional e estrutural.

Para Freire (2003b), era fundamental refletirmos sobre a “inexperiência democrática” que se apresenta como um problema histórico-social, ou seja, da própria estrutura opressora na qual se desenvolveu a história de nosso país. Enquanto sociedade precisamos estar conscientes de nosso papel de agentes construtores da democracia como modo de vida (Ferreira, 2022).

O educador afirmava que uma forma de se combater a inexperiência democrática era através da colaboração de uma educação que levasse a organização reflexiva do pensamento, capaz de superar a captação mágica ou ingênua da realidade, por uma predominantemente crítica (Freire, 1983). É importante destacar que parte de nossa inexperiência democrática acontece exatamente porque esse tipo de ataque ao oprimido é constante, sendo a educação uma ferramenta importante de transformação para uma sociedade que possa fazer-se democrática.

Freire (2003b, p. 26) nomeou essas inquietações como “antinomia fundamental”, consistindo no constante atrito entre o velho e o novo, indicado em nossa “atualidade”. Essa antinomia se manifesta no jogo de dois polos, ou seja, na relação entre a “inexperiência democrática”, formada e desenvolvida nas linhas típicas de nossa colonização e, de outro, a “emersão do povo na vida pública nacional” provocada pela industrialização. Vale destacar que as observações de Freire são datadas, a saber, são resultados de seus estudos sobre o nosso país realizados em meados do século XX, principalmente registrados em seus escritos na tese de concurso para a candidatura à

cadeira de história e filosofia da educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco, em 1959, tornado livro bem mais tarde, *Educação e atualidade brasileira* (Freire, 2003b), mas que ainda traz potência significativa para compreendermos questões que ainda hoje afetam a nossa realidade.

Para compreendermos essa conjuntura histórico-social na ótica freiriana é necessário considerarmos seus escritos ao longo do tempo, procurando estabelecer relação com o período em que cada um deles se desenvolveu, uma vez que retratam a percepção de nosso educador diante das possíveis razões de nossa inexperiência democrática e, também, de sua tentativa em proporcionar experiências democráticas a partir de sua *práxis*. Dito de outra maneira, seria considerar seu legado e os eixos condutores de seus escritos como fundamentais para a transformação de uma sociedade mais justa, igualitária, libertadora, democrática e alicerçada na justiça.

Freire procurou, ao longo de suas experiências, discutir e pensar a educação brasileira buscando meios para torná-la ferramenta de mudança para participação efetiva de todos, de maneira que a educação estivesse a serviço da democratização da sociedade, contribuindo através de experiências e vivências comunitárias de grupos sociais, através do diálogo, para formar pessoas cada vez mais participantes e conscientes de seu papel.

De acordo com Rosas (1996), o ponto de partida é caracterizado por um conjunto coerente de ideias de Paulo Freire e que, portanto, seria a linha de força de seu pensamento. É possível observar que não existe libertação que se realize com homens e mulheres passivos, por isso, a importância de uma educação que possibilite autonomia e experiências democráticas. Freire adverte que a educação possui a tarefa de possibilitar a transitividade crítica, caracterizada pela prática do diálogo.

Esta posição transitivamente crítica implica num retorno à matriz verdadeira da democracia. Daí ser esta transitividade crítica característica dos autênticos regimes democráticos e corresponde a formas de vida altamente permeáveis, interrogadoras, inquietas e dialogais, em oposição às formas de vida ‘mudas’, quietas e discursivas, das fases rígidas e militarmente autoritárias, como infelizmente vivemos hoje, no recuo que sofremos e que os grupos usurpadores do poder pretendem apresentar como um reencontro com a democracia (Freire, 1983, p. 62).

A democracia nesta perspectiva é uma forma de vida antes mesmo de ser uma forma política. Seu objetivo deve ser a busca por um processo educacional que oportunize ao ser humano estar em diálogo constante com o outro, que o coloque em

permanente revisão, pois a democracia pressupõe a mudança de atitude e disposição ao diálogo.

Assim sendo, Freire nos ensina que a educação para a democracia possui um caráter social e, portanto, precisa ser dialógica proporcionando dessa maneira uma mudança de atitude estimulando novos hábitos de colaboração. “[...] a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença do homem. Na crença em que ele não só pode, mas deve discutir os seus problemas. Os problemas de seu país, continente, mundo, seu trabalho e da própria democracia” (Freire, 1983, p. 96).

O educador defendia como condição básica para a democracia considerar a situação de opressão vivida pela classe trabalhadora sem acesso à educação. Freire, então, sugere que primeiramente houvesse o conhecimento da realidade dos educandos pelos educadores para o fomento de uma proposta de educação humanizadora, capaz de alfabetizar e problematizar sua realidade, assim como propiciar o diálogo, a conscientização e transformação da condição de opressão vivida pelos sujeitos. Freire (2003b, p. 47) já anunciava que a posição atual da escola se encontrava “[...] superposta à nossa realidade, acadêmica, propedêutica e seletiva, por todas estas coisas antidemocráticas, vem constituindo um dos mais fortes pontos de sufocação do desenvolvimento econômico do país e da sua democratização”. A verdade é que os passos a serem dados em direção à construção de uma educação democrática precisa estar alicerçada em valores democráticos e dialógicos com participação efetiva da sociedade nessa construção.

Tal postura se organiza a partir da consciência sendo expressa na solidariedade autêntica, como já apresentada neste texto. Não seria aceitável uma prática democrática sem o desvelar de cada pessoa como responsável pela produção da própria história. Uma prática social que se reconhece e pretende que o outro também se reconheça resulta, conforme expressa Freire (1981), na prática da liberdade. Por isto também a educação, ainda que sendo apenas um dos instrumentos para isso (Freire, 2011), deve ter como foco a liberdade.

#### **1.4 A problemática que envolve o tema: liberdade como princípio educativo**

Uma construção teórica fundamental que devemos tratar quando tentamos compreender Freire é a sua ideia de liberdade, a qual se alicerça em sua base

antropológica. Somente o ser humano é capaz de se entender como espécie, conviver e produzir história e cultura. A liberdade se dá por meio da conversão do agir no mundo como uma ação crítica, reflexiva e consciente. A liberdade em sua estrutura antropológica permite aos homens e às mulheres pensarem sobre si mesmos no mundo, agirem conscientemente e ampliarem os seus conhecimentos, sendo capazes de se entenderem como seres humanos junto à sua produção de conhecimentos (Araújo, 2015).

Liberdade é humanização e, portanto, é também “[...] luta pela libertação de situações sociais e políticas opressivas [...] [sendo] uma condição fundamental para a realização da liberdade, mas não suficiente. Freire analisa também a dimensão subjetiva da liberdade” (Sung, 2010, p. 242). O fato é que, liberdade não é um ato individual, licencioso, egoísta ou despótico e que se estrutura a partir dos próprios desejos, mas um ato revolucionário de, ao mesmo tempo que um sujeito se liberta e, portanto, se humaniza, busca essa humanização aos outros, sendo assim um ato humanizador, criador e amoroso, por não ser domesticado pela realidade (Freire, 1983). Nesse sentido, “A libertação é o fim da educação. A finalidade da educação é libertar-se da realidade opressiva e da injustiça; tarefa permanente e infundável.” (Gadotti, 1996, p. 81). E essa conquista deve ser cultivada na educação que privilegia a liberdade, a autonomia, a emancipação. O binômio liberdade-libertação forma o ponto central do seu pensamento educacional, revelando assim o seu “gosto pela liberdade”.

Para pensar a liberdade como princípio educativo traremos dois pontos. O primeiro é refletir sobre a ação do professor como alguém que tem condições de orientar a caminhada em que ele próprio e seus alunos aprendem, sendo ele quem organiza a gama de conhecimentos norteadores do trabalho pedagógico, mostrando-se capaz de apreender as necessidades dos educandos em expressar-se por meio da palavra. O segundo foco se dá no ato de repensar a ação pedagógica de educadoras e educadores, de tal modo que o trabalho educativo possa, ou, muito mais, deva, pautar-se no princípio da liberdade. Liberdade esta que, substancialmente significa se reconhecer como humano inacabado, sujeito responsável e ativo na produção da própria história, envolta de solidariedade, generosidade, amorosidade e ética.

Acreditamos que o ser humano tenha uma vocação para ser livre, mas para que isso seja efetivado, precisa de condições que o levem a tomar consciência da possibilidade de decidir, exercer tal vocação. Conforme nossa leitura de Freire, tal vocação só é possível ser praticada quando firmada em considerações éticas da

liberdade, vocação esta de *ser mais*, a saber, de se reconhecer como sujeito histórico, ter capacidade de escolher e reconhecer o mundo e a si, valorar o mundo de maneira estética, criativa, ética. Para tanto, existir no mundo, conforme aponta o próprio autor, significa:

Homens e mulheres [...] podendo romper esta aderência e ir mais além do mero estar *no* mundo, acrescentam à vida que têm a existência que criam. Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se. Enquanto ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo. O domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores — domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade (Freire, 1981, p. 53).

Creemos que há uma busca permanente posta em marcha em vista da conquista ontológica de *ser mais*; um percurso incessante para humanizar-se. Mas, para humanizar-se é necessário ter consciência de sua vocação de ser inacabado, praticar a ação dialógica, exercer a comunicação crítica sobre a realidade, devendo, para isso, conhecer e reconhecer a realidade de maneira permanentemente dialética, de modo a agir nela. Estes fatores devem sempre estar no âmbito dos interesses em que vivem os homens e as mulheres.

Compreender a si como ser que se objetiva no mundo, repensa sua própria existência, fazendo isso *com* a realidade e, portanto, transformando-a, porque está junto com os outros que têm as mesmas capacidades e possibilidades, passa a ser a forma de se atingir os objetivos de uma educação efetivamente libertadora. Dessa forma, homens e mulheres, “[...] verificam na *vida* sobre o suporte, na experiência existencial que se dá no mundo, ganham uma conotação demasiado especial” (Freire, 2010, p. 20).

Solidariedade, que não se baseia em doar humanidade para quem se julga não a possuir, mas, neste caso tem como significado a necessidade imanente em ser com o outro, se fazer junto e não, por se entender como melhor, mais humano e por isso digno de oferecer, por causa de sua superioridade, alguma coisa a outrem.

Nesse aspecto, tanto a solidariedade quanto a generosidade, em Freire, são termos complementares. Logo, solidariedade autêntica e a generosidade dizem respeito à luta necessária para que não exista somente qualquer tipo de mera compensação da pobreza, mas luta, conjunta, indistinta entre ricos e pobres por igualdade de possibilidades.

Esta liberdade, contudo, exige responsabilidade de quem deseja liberar o espaço que era até então ocupado pela opressão, a fim de dar continuidade à constante busca desta liberdade “[...] a liberdade, que é uma conquista, e não uma doação [...] é condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos” (Freire, 2011, p. 46).

Assim, a liberdade se faz pelo oprimido enquanto humano. Na sua capacidade de ir se reconhecendo, tomando consciência de sua existência e intervenção no mundo, comunicando, dizendo de si, tomando partido desta luta e se construindo juntamente com outros. Decidindo e desejando esta liberdade a todos os seus iguais, que assim são vistos pela pureza da generosidade de se fazer a si e, ao mesmo tempo, buscando-a ao outro.

O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se (Freire, 2011, p. 48).

Seguindo esse raciocínio de nosso autor, podemos na sequência aferir que o “eu” professor sabe que é também o “eu” aluno na medida em que entende que ensina e aprende e que tanto precisa tomar consciência deste movimento, em que se compreende educador e educando. Ora, há papéis e responsabilidades diferentes, mas um esforço comum em direção ao processo educativo. Por isso, nossa atitude de negação da educação bancária, que considera o aluno um espaço vazio a ser preenchido com conteúdos, contrariamente, defendemos a educação como um instrumento que possibilita a libertação.

Como seres curiosos somos naturalmente capazes de aprender, por isso o fazemos mesmo diante de uma realidade opressora, e assim, podemos perceber essa opressão e lutar contra ela. Deste modo, também concordamos com Freire quando menciona que é de responsabilidade do oprimido desvelar a realidade e lutar pela liberdade, a sua própria e a do opressor que ao oprimir também perde sua capacidade de ser livre.

## **2. Impacto desses conceitos na vida escolar e na existência das pessoas**

A filosofia da educação de Freire provê ao âmbito educacional instrumentos importantes para a identificação das múltiplas formas de silenciamento embrenhadas na estrutura social opressora em que os indivíduos estão submetidos e que refletem no

contexto escolar. O problema da in experiência democrática plantada em nossas relações, conforme pormenorizamos em parte deste artigo, a impossibilidade de os indivíduos experienciarem o exercício do diálogo, da reflexão, da democracia, da liberdade e demais experiências fundamentais para sua emancipação, requerem do professor(a) adotar uma postura política, crítica e reflexiva em busca da transformação por um trabalho assentado na conscientização

Considerando o que até aqui foi exposto, levantamos alguns questionamentos, a saber, em que sentido poderíamos apostar no âmbito educacional-escolar como espaço privilegiado para a contribuição de professores e professoras na construção da libertação ampliada a ponto de conquistarmos juntos a humanização? A tomada de consciência crítica dos professores e educandos poderia ser possível na superação dos modos superficiais e desumanizadores observados nas relações escolares? Seria a concepção do inacabamento humano processual e permanente nas condições plásticas da vida humana, um empecilho para obstruir o foco dos conhecimentos construídos pela humanidade ao longo da história, organizados para auxiliarem na ação humana *no e com* o mundo?

Acreditamos que Freire se valeria inicialmente do conceito de solidariedade para o enfrentamento dessas questões. Primeiramente, mostraria que a solidariedade autêntica implica em historicidade e experiência para a emancipação. Logo, a solidariedade, embora condicionada, não é, e não pode estar determinada pelas condições político-sociais estabelecidas. Ela estaria circunscrita no reconhecimento antropológico do inacabamento, e principalmente, em condições concretas da realidade, que longe de serem imutáveis, ainda que complexas, são de responsabilidade e comprometimento do homem no esforço histórico de libertação.

Sendo assim, a solidariedade se faz no âmbito das coisas concretas, tangíveis, realizando-se no caminho, no próprio inacabamento, pois se ela implica experiência não encontraremos as condições ideais para que ela aconteça em um momento e espaço específicos. Em outras palavras, solidariedade se faz fazendo, e sempre e tanto, ao ponto de que faça parte de nossas vidas, corpos, história e busca.

A escola, na figura daqueles que já se reconhecem como sujeitos da própria história, sejam professores, gestores, seguranças, cozinheiras, estudantes ou quaisquer outros que façam parte da comunidade escolar, deve ser orientada a se colocar com a autenticidade solidária de partilhar essa prática. Se a escola se colocar como instituição voltada para a transformação e para a liberdade, as pessoas que por ela são

sensibilizadas refletirão minimamente esses pensamentos e ideais.

Conforme mostramos, o existir no mundo é mais do que estar no mundo, tal a sugestão de Sartre (2012, p. 19, grifo nosso) bem aproveitada por Freire. Assim, pela perspectiva existencialista, o ser humano “[...] será o que ele se tornar, não há natureza humana [...] o homem/*ser humano* é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência”. Para tanto, é preciso que as pessoas saibam que devem bancar aquilo que decidem ser e não se sujeitar ao resultado do que se tornaram passivamente. É nesse sentido que Freire entende o existir das pessoas como a condição primacial de sujeitos da própria história.

É preciso tomar consciência de se estar no mundo, de existir, escolher e ser responsável pelo enfrentamento das contingências próprias da existência. Assim, a escola é um espaço de protagonismo e oferece a possibilidade para que cada pessoa tome para si a responsabilidade da própria vida.

### **Considerações finais**

Uma das lições que podemos retirar deste estudo poderia ser apontada como sendo a importância de se estabelecer com clareza os princípios pelos quais a educação deve ser norteada, como é o caso em Freire, tal a criticidade, liberdade, democracia, autenticidade e autonomia, dentre outros. A filosofia da educação nos alerta para a necessidade de um contínuo acompanhamento reflexivo das ações, pois o campo educacional não se constitui em um espaço para ações espontâneas ou improvisadas e nem por exercícios descomprometidos ou descontinuados sem o real alcance dos resultados dos empreendimentos praticados em vista da sua correção ou redirecionamento bem fundamentados.

Ainda cabe destacar a inspiradora figura de Freire como intelectual que nos apresenta, senão diretamente, um convite ao pensamento frente a importância da escola como instituição para a democracia, o que nos dias de hoje é altamente salutar. Sabemos da limitação das páginas para darmos conta de muitos aspectos significativos da problemática da pesquisa em filosofia da educação, quando o objeto é um autor como Paulo Freire. Nossa meta, contudo, é demonstrar um modo de operar na realização de um trabalho de investigação coletivo em filosofia da educação, inspirando outros projetos em torno de personagens emblemáticas no campo.

Nesse sentido, valorizados como profissionais da educação pelo autor que nos oferece um direcionamento filosófico-pedagógico a seu modo, entendemos também que

quando pensamos em uma escola não podemos perder de vista aqueles documentos que norteiam a prática educativa que ali será desenvolvida. Além dos documentos de caráter geral, como as diretrizes e leis do município, estado ou país, as instituições de ensino contam com um importante documento que dá coesão e direção ao trabalho de todos os educadores e funcionários que ali atuarão, o Projeto Político Pedagógico (PPP).

Um dos pontos centrais de tal documento é sua elaboração antropológica. Qual a visão de ser humano buscada pela instituição? Qual o homem e qual a mulher que os educadores ali buscam formar coletivamente?

Este é um ponto cuidadosamente abordado por Paulo Freire em distintas obras, das quais com certeza destacamos os três primeiros capítulos de *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2011), onde Freire coloca de forma clara e bem elaborada sua visão antropológica inclusiva e respeitosa na consideração do que seja o humano, sem dicotomias e com a identificação de um ser historicamente contextualizado dentro de sua realidade de tempo e espaço.

Sabemos que este tema apresenta uma vasta diversidade de perspectivas. Em contrapartida, há diretrizes nacionais e internacionais que, frequentemente, buscam definir, às vezes não muito claramente, uma base comum para um modelo, um pilar central pautado nos direitos humanos, por exemplo. Sempre foi e sempre estará presente a diversidade de concepções e processos humanizadores. Portanto, a problemática remete sobre outra ideia freiriana, a da necessidade de instituições para o desenvolvimento de sujeitos com consciência democrática e a manutenção deste comportamento na sociedade para que exista, de forma constante e bem articulada, a real convivência e participação de todos no campo social.

Se reconhecemos a importância de que as pessoas precisam aprender conhecimentos que as integrem à sociedade, mas que as capacitem para atuar de forma transformadora no mundo, também reconhecemos a importância de que, intrínsecos a tais conhecimentos e à sua formação, devem estar contemplados sobejamente os valores democráticos.

De tal forma que se faz imperativo que as escolas também busquem assumir este papel de forma ativa e intencional, ou de nada valeria uma educação que, por mais humanizadora que fosse, não se sustente no grande conjunto da sociedade.

As ideias apresentadas neste texto são centrais no grande contexto da produção de Paulo Freire, essenciais para compreender um autor de sua magnitude e o impacto

produzido na sociedade, com uma obra tão vasta, contextual e relevante. Concluímos com o desejo de haver contribuído para o grande mosaico interpretativo sobre este autor que vem se construindo ininterruptamente diante das provocações intelectuais intensas e vigorosas apresentadas aos seus leitores e estudiosos.

Além do mais, salientamos os nossos esforços em elucidarmos alguns cuidados necessários no desenvolvimento de uma pesquisa em filosofia da educação, o que em nosso caso, quando nosso objeto é o pensamento de uma das mais fecundas e abrangentes inteligências gestadas no ventre da nossa terra de onde germinam seus problemas, mas também, abundantemente as ideias para a nossa colheita.

### Referências

ARAÚJO, Renata Miranda. *A liberdade como princípio para uma educação transformadora*. 2015. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2015.

FERREIRA, Elaine de Souza. *(In)experiência democrática, organicidade e práxis educacional em Freire*. 2022. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *A sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2003a.

FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Editora Cortez, 2003b.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. *In*: GADOTTI, Moacir. (org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora, 1996. p. 69-115.

GERHARDT, Heinz-Peter. Uma voz europeia: arqueologia de um pensamento. *In*: GADOTTI, Moacir. (org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora, 1996. p. 149-170.

GOMES, Gustavo Kosieniczuk. *Conscientização em Paulo Freire: raízes, relevância e atualidade*. 2023. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

HENNING, Leoni Maria Padilha. Gigantes da filosofia da educação ajudando a pensar as questões da desigualdade em tempos de pandemia. *In*: BOFF, Leonardo; MURARO, Darcisio Natal; BORGES, André (org.). *Paulo Freire em diálogo*. São Paulo: Editora Recriar, 2021.

LIMA, Alceu Amoroso. *O problema do trabalho*. 2 ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1956.

PINTO, Álvaro Vieira. *Consciência e realidade nacional*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960. (Coleção Textos Brasileiros de Filosofia, v. 2).

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica: introdução ao estudo da razão sociológica*. São Paulo: Ubu Editora. 1958.

ROSAS, Paulo. Germinação do pensamento de Paulo Freire. *In*: GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 559-565.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 22. ed. Tradução: Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, Camila Cristina Ludovico. *Solidariedade freiriana: contribuições ao tempo presente*. 2022. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

SUNG, Jung Mo. Liberdade. *In*: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 241-243.

*Recebido em: 09 de novembro de 2024*

*Aceite em: 20 de fevereiro de 2024*